



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

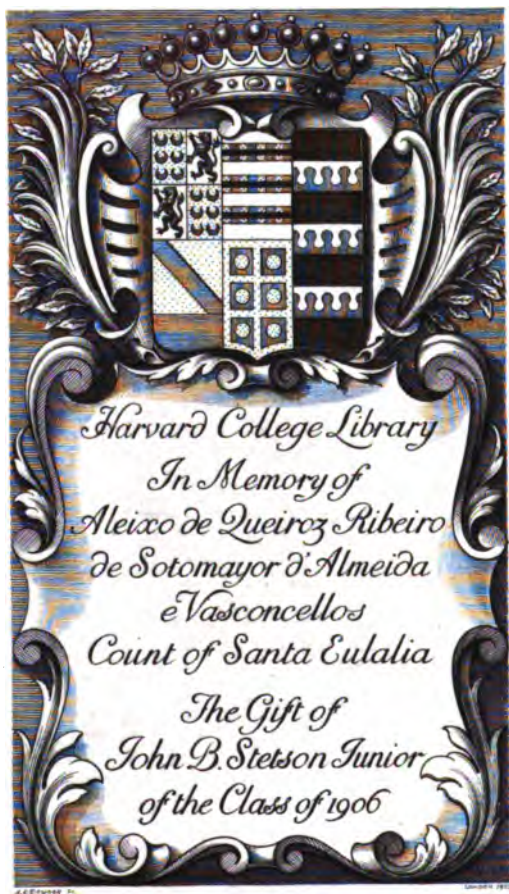
### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

1663  
24



Ar 1663.24











*Coimbra*

BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

---

# A MEDALHA ESCOLAR

DO

# COLLEGIO DO CORPO-SANTO

NOTÍCIA NUMISMÁTICA

POR

XAVIER DA CUNHA

Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa



COIMBRA  
IMPrensa DA UNIVERSIDADE  
1907



THE HISTORY OF THE  
CITY OF BOSTON

BY  
JOSEPH NEASE

IN TWO VOLUMES.

A MEDALHA ESCOLAR  
DO  
COLLEGIO DO CORPO-SANTO



- A MEDALHA ESCOLAR  
DO  
COLLEGIO DO CORPO-SANTO

NOTÍCIA NUMISMÁTICA

POR

XAVIER DA CUNHA

Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa

---

Propriedade e edição da

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionais. Lisboa.

---



COIMBRA

Composto e impresso na IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1907

Are 1663.24

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION  
GIFT OF  
JOHN B. STETSON, JR.  
MAY 28 1924

R. 4:272

72-92



*With O. B. Russell's compliments*









## A medalha escolar do Collegio do Corpo-Santo

A «Egreja do Corpo-Santo» que hoje vemos em Lisboa na circumscripção territorial da Parochia de San'-Paulo (e melhor talvez lhe chamariamos «Egreja de Nossa Senhora do Rosario») não é a que primitivamente edificaram no anno 1659, sob o patrocínio da Rainha D. Luiza, os Dominicós Irlandezes (os Padres Hybernios — ou «Padres Bernes» como em linguagem popular andavam designados).

Do primitivo templo, — a cuja construcção presidiu zelosamente o Confessor da Rainha, Padre-Mestre Fr. Domingos do Rosario (Domingos O'Dally), — diz-nos Fr. Agostinho de Santa-Maria no Tom. VII (pag. 84 a 85) do *Santuário Mariano* (Lisboa Occidental — Officina de Antonio Pedrozo Galram — 1721 — In-4.<sup>o</sup>):

«He esta Igreja de huma só nave muy clara, & muy alegre, & ayrosa, com huma Capella mòr muyto linda, & além della tem mais oyto Capellas, duas collateraes, & tres por cada hum dos lados, todas estas ricamente ornadas, & com muyta correspondencia, & igualdade».

Singular coincidência a d'esta descripção! Fr. Agostinho de Santa-Maria, se hoje vivesse e á moderna Egreja quizesse referir-se, poderia sem discrepância applicar-lhe as palavras que ora acabo de transcrever: — «Igreja de huma só nave muy clara, & muy alegre, & ayrosa, com huma Capella mòr muyto linda».

De como fôsse a primitiva Egreja temos tambem curiosa descripção no Codice manuscripto N.<sup>o</sup> 145 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, — codice que tinha em tempos a marcação bibliotheconomica *A-4-11*, e que anda muito consultado e muito citado por quantos estudiosos se occupam das antiguidades lisboenses. É um grosso volume in-folio, sem titulo especial, mas que tem na lombada da incadernação, coeva do seculo XVIII, o lettreiro *Historia de Lisboa*; melhor porém o poderíamos intitular *Historia das Egrejas e Conventos de Lisboa*, pois que tal é o seu exclusivo assumpto.

Composto evidentemente cêrca de 1705 a 1708 (como se reconhece pelas indicações de várias passagens), o codice per-

tenceu outrora ao «Collegio de S. Francisco Xavier da Companhia de Jesus» do Bairro de Alfama.

Neste codice o Cap. XXI trata do «Convento que os Religiosos Irlandeses Filhos do Patriarca S. Domingos tem no sitio do Corpo Santo».

E divide-se o Capitulo em dois §§.

No § 1.º occupa-se dos «Principios que teve o ditto Convento».

O § 2.º traz a epigraphie seguinte:—«Dase noticia da Igreja e da mays fabrica do Collegio».

A esse § 2.º pertencem os trechos que passo a transcrever.

«Fica o frontispicio da Igreja deste convento olhando pera o Nascente, e a porta que he hũa sò bem laurada de pedraria tem seo ornato de quartelas que a fazem mays vistosa, e entrando della pera dentro tem lugar o seu coro proporcionado ao que pede o numero dos religiosos pera que foy fabricado: a frontaria delle assenta sobre hũa grossa viga que ocupa a largura toda da Igreja, e sobre ella correm as suas grades: e pella parte debayxo, que olha pera o pavimento da Igreja he muyto bem forrado em payneis tudo de madeyra de bordo. Debayxo do coro fica de cada parte hum arco à feyçam de Capella sem o ser.

«Tem a Igreja por cada lado tres Capellas cada hũa com seo arco de pedraria, e sobre os dittos arcos das Capellas do corpo da Igreja corre hũa cimalha de pedra por ambos os lados a qual se termina junto das grades do coro, e porcima da ditta cimalha bem sobre o meyo de cada Capella tem lugar hũa janela a que se segue a cimalha real, que he de pedraria, e da ditta cimalha peracima nasce a abobeda da Igreja, a qual he de ladrilho em meya laranja. No coro se vem tres janelas rasgadas que nam deyxam de ser de algum ornato ao frontispicio da Igreja servindo tambem de dar bastante luz e claridade ao coro, e a mesma Igreja.

«Além das tres Capellas que dissémos ter de cada parte o corpo da Igreja, fica mays aos lados do arco da Capella mor hũa de cada banda com seo arco de pedra mays pequeno porem dos que se vem nas Capellas do corpo da Igreja: e as dittas duas capellas tem seos retabolos com columnas que fingem pedra d'Arrabida com bases, e capyteis dourados. Mas passemos já a dar conta da Capella mor, cujo arco he de pedraria, e delle pera dentro o he tambem toda ella assim no tecto, como nos lados guarnecendo tudo almofadas de marmore negro dentro de quadrados vermelhos, com molduras, e frisos tudo de pedraria bem laurada: tem mays duas portas hũa fronteyra a outra metidas

dentro de seos arcos de pedraria: a da parte do Evangelho da serventia pera hum pequeno Claustro, e pera a Saneristia, que fica em hum lanço delle. E a que tem lugar da parte da Epistola sò serve de fazer correspondencia à que fica da parte do Evangelho. O retabolo da Capella mor he pintado com hũa sò colúmna por banda, que finge pedra d'Arrabida com seo bastante arco de tribuna.

«Alem do lugar que occupou a Igreja, Portaria, Claustro, e Saneristia, nam ficou muyta largueza pera a fabrica do Convento: mas ainda assim se edificáram cellas bastantes pera o numero dos Religiosos que costumam ser moradores do ditto convento, os quaes logram a commodidade de boa vista sobre o rio, de que ficam tam visinhos, que quasi as enchentes da mare lhe batem nas paredes que ficam pera a parte do rio: com que vieram os Padres depoy de muytas mudanças(\*) e de grandes discomodos, que nellas toleráram a ficar com hũa habitaçam muyto conveniente, de que elles sam muyto merecedores por suas grandes virtudes, grande religiam, muytas letras e nótavel zelo que tem de voltar a sua patria, afim de ir ajudar a seos naturaes reduzindo os muytos que a força da perseguiçam, que cada dia he mayor tem feyto pervaricar, e pera confirmar na fé Catholica aos que à custa de muytos trabalhos e perigos da uida ainda nella constantemente perseveráram».

Veu em 1755 o fatal terremoto do 1.º de Novembro que tantas perdas causou de pessoal e de material,—vidas, riquezas, preciosidades! Entre essas perdas figuraram tristemente a Egreja e o Hospicio que a Rainha D. Luiza de Gusmão com desvelado amor fundára para os Padres Irlandezes.

Quando estoitou a catastrophe, conta o Padre João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal antigo e moderno*, que succedêra na Egreja de Nossa Senhora do Rosario uma scena compungentissima.

Era dia de festa e festa de muita devoção (dia de Todos-os-Santos). A Egreja estava (como todos os templos da capital) repleta de fieis,—e, ao começarem os abalos, achava se um religioso irlandez ministrando a sagrada Communhão.

Prevendo, pela violencia do tremor, que funestissimos se

---

(\*) Refere-se o chronista aos hospicios em que estiveram provisoriamente residindo os Frades Irlandezes, antes de edificada a casa conventual do Corpo-Santo.

preparavam no templo os estragos, e que se tornava forçoso buscar a salvação fóra d'elle, começou por animar os circumstantes inculcando-lhes serenidade; e, aconselhando-os a que o seguissem, foi, sem largar das mãos a sacrosanta pixide, atravessando intrepido por entre as ruínas, em direcção á Parochial Egreja de Santa Isabel, aonde o acompanhou numeroso povo que em altos clamores implorava a misericórdia divina.

Annos depois, era a primitiva Egreja substituída pelo templo actual, que no chamado «Largo do Corpo-Santo» offerece voltada para o nascente a porta de ingresso.

Em continuação da Capella-mór, para o occidente, prolonga-se, até á denominada «Travessa do Corpo-Santo», o edificio conventual em que se acham residindo os Padres d'Irlanda, — constituindo Egreja e Convento a metade septentrional do respectivo quarteirão, cuja metade meridional é hoje representada por predio de mestéres profanos.

Em tempos, porém, — tempos que não vão longe, porque elles coincidem com a minha mocidade, — fazia tambem parte do Hospicio Dominicano essa metade meridional a que me refiro, e onde actualmente pode observar-se ainda (reduzido imbroa ás proporções de um saguão mui prosaico) o antigo claustro conventual (crasta mui singella e modesta, mas nem por isso meños poetica).

Largo do Corpo-Santo, Rua do Corpo-Santo, Travessa do Corpo-Santo, e Rua do Largo do Corpo-Santo, circumscreviam por nascente, sul, occidente, e norte, o quadrilongo a que me refiro, exclusiva pertença dos Padres.

Ainda hoje o portal que no Largo do Corpo-Santo dá ingresso para os andares superiores da parte secularizada, e a janella conventual que o sobrepuja, revelam bem nos feitos e labores da cantaria o seu primitivo destino de hospicio religioso.

Por conveniencias da Congregação Dominicana, resolveu a Casa primacial de Dublin alienar aquella metade, e limitar portanto á faixa septentrional as accomodações do Convento.

Mas, no tempo em que todo o quarteirão lhes pertencia, tinham alli fundado os Dominicanos Irlandezes um Collegio para insino de «humanidades»; e nessa escola me fez meu pae matricular em Novembro de 1852.

O Collegio fóra especialmente instituido para educação de

meninos irlandezes ou inglezes que professassem a religião catholica; mas o espirito conciliador e tolerante d'aquelles bons educadores admittia tambem no seu gremio pupillos da religião anglicana. E tão abalizados creditos desfructava o Collegio, que muitas familias de várias outras nacionalidades, e até algumas israelitas, diligenciavam e conseguiam que seus filhos fôsem alli admittidos.

Superintendia no Collegio o Reitor do Hospicio, — um varão de raras virtudes, Doutor em Theologia, prégador mui conceituado, e cavalheiro de trato finissimo, apparentado com as mais nobres familias da Irlanda. Era o Dr. Patricio Bernardo Russell, que na idade juvenil intrára em Lisboa, onde veiu a fallecer e onde jaz sepultado.

D'esse bondoso Padre se pode bem affirmar que era verdadeiramente um *charmeur*, um fascinador que todos irresistivelmente prendia e dominava.

De quando em quando, nos ultimos tempos da sua vida, apparecia-me na Bibliotheca Nacional, — e eu cuidava logo de carinhosamente o conduzir para o tranquillo remanso do meu gabinete particular, onde mais á vontade elle pudesse manusear os livros que consultava.

E de todas as vezes havia sempre, no principio, uma contenda entre nós. Elle teimava em tratar-me por «Excellencia». Eu abespinhava-me e recalcitrava contra o indevido ceremonial do tratamento, — e por tal fórma eu protestava, e tanto fazia valer as minhas razões, que terminava por conseguir que o meu querido Mestre accedesse a tratar por «tu», como nos saudosos tempos do Collegio, o seu antigo discipulo.

E riamos muito, muitissimo, quando por minha vez eu me convertia em mestre, a emendar-lhe incorrecções de morphologia portugueza, — coisa em que elle (um erudito polyglotta) nunca logrou aperfeiçoar-se, apesar de residente em Portugal quasi toda a sua vida. Refiro-me á linguagem falada, — pois que na escripta portugueza era não sómente mui correcto, mas até chegava a ser muito elegante.

Uma das coisas que elle um dia me contou, foi o que aos Irlandezes do Corpo-Santo acontecêra quando em 1834 se promulgou, referendado por Joaquim Antonio de Aguiar, o Decreto relativo á extincção das Ordens Religiosas em Portugal.

Receavam muito aquelles Padres que, por tal Decreto, hou-

vessem elles de padecer na posse dos seus bens conventuaes,— e assustados resolveram solicitar de D. Pedro IV uma audiencia. Recebidos hospitaleiramente pelo Imperador, alcançaram d'elle a certeza de que o Decreto de 28 de Maio de 1834 se não entenderia por modo algum com os Dominicanos do Corpo-Santo, e que podiam elles continuar no exercicio das suas prácticas religiosas, exigindo-se-lhes apenas que no trato exterior substituíssem os habitos brancos do monachismo pelas batinas pretas do clero secular.

A causa determinante d'este especial procedimento, para com os Frades do Corpo-Santo, fôra o agasalho com que elles, no tempo das perseguições miguelinas, tinham caridosa e humanitariamente homiado no seu Convento, e protegido contra os feroces perseguidores, aquelles que outro crime não practicavam mais do que politicamente professarem crenças liberaes em harmonia com a dignidade humana.

E não era sómente um consummado Theologo, e um Prégador eloquente, aquelle meu bondoso Mestre; era tambem (prenda mui habitual nos Religiosos de San'-Domingos) um amador de bellas-artes, um cultor de bellas-lettras, e um illustrado naturalista.

Das suas joias litterarias tenho eu, ácerca do Cantor d'*Os Lusíadas*, um trecho inedito manuscripto, que peço aqui licença para copiar do «Album Camoniano» em que elle, a meu pedido, m'o deixou por seu punho:

*«Why guard a title that was rich before?  
«To gild refined gold, to paint the lily,  
«To throw a perfume on the violet,  
«To add another hue unto the rainbow,  
«Is wasteful and ridiculous excess».*

*«So could the great dramatist have written in an Album on the «Lusiad». For what «title» or right had King John to his throne richer than that of Camoës to be counted as one of the brightest stars of the Epic Pleiads? He is inferior to none but Milton of that noble group in the grandeur of his theme,—that theme one of the most startling, most arduous and most notable events in the world's history:—and how loftily and graphically is not that event sung by Camoës!—What fertility of imaginative, what poetic variety of description! as full of harmony and music in his verses as Byron in his Childe Harold; and yet what simplicity of language clothing his loftiest conceptions, a «network of silver over his apples of gold»; what sublimity in some of his*

*inimitable fictions, — what a charm and thrilling tenderness in some of his episodes, — the warmth of his fancy and the pity of his gentle nature keeping the hearts of his readers under a spell. Well did his contemporary and rival poet say that Camoës in his deathless verses was preserver of Vasco's glorious fame, and truly did Hallam declare that Portugal's great Epic would never fail to please.*

«P. B. R.»

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa existe um opusculo com o titulo seguinte : — *Memoria sobre as minas de carvão de pedra e ferro e estabelecimentos metalurgicos no districto de Leiria* (Lisboa — Typographia de Joaquim Germano de Sousa Neves — 1857 — In-4.º de xv-24 paginas). Collaboraram nesse folheto varios engenheiros notaveis, especialistas no assumpto. Um dos collaboradores foi o Reverendo Reitor do Collegio do Corpo-Santo, que alli deixou (de pag. 21 a 24) uma circumstanciada, picturesca, e sob todos os aspectos interessantissima, *Noticia descriptiva das minas de carvão de pedra e ferro descobertas nos concelhos da Batalha, Porto de Moz, Leiria e Pombal*. Com essa «Noticia» (elegantemente escripta em portuguez, e modestamente subscripta pela simples assignatura «P. Russell») termina a «Memoria», como se a fechasse uma chave d'ouro cravejada de pedras preciosas.

Mas este pode considerar-se um caso fortuito e singularmente excepcional. De um trato insinuantissimo e sobremaneira captivante, — mas sobremaneira modesto, e na sua modestia mórmente retrahido para tudo quanto constituísse ostentações públicas, — o Dr. Patricio Russell fugia systematicamente de que lhe apparecesse o nome á frente de qualquer escripto. Não admira, por isso, que a Bibliographia tenha tão poucos elementos a archivar-lhe de sua lavra.

Das saudades que o venerando sacerdote deixou, quando em propecta idade falleceu aos 16 de Novembro de 1901, encontra-se poetico reflexo no Soneto publicado pelo Visconde de Claverie no Vol. xv (pag. 228) do *Annuaire du Conseil Héraldique de France* (Vannes — Imp. Lafolye Frères — 1902 — In-12.º):

*De ce vieillard si noble et pur, qui s'est éteint  
Chargé d'ans et portant son faix d'un pas alerte  
Comme pas un, cœur chaud, main à tous large ouverte,  
Chacun redit: — «C'était un Saint! C'était un Saint!»*



*Père, tes fils en deuil n'osent pleurer ta perte,  
Dominant le regret qui pourtant les étreint,  
Car ta gloire, ô belle âme, hors de ce corps inerte,  
Fait qu'on t'envie encor bien plus qu'on ne te plaint!*

*Pars comme un Envoyé près de la Cour céleste,  
Monte, monte toujours, dans ta robe modeste,  
Mains jointes; Saint Patrice est ton Introduceur:*

*Parle avec cet accent qu'aimaient tant sur la terre  
Tes ouailles; plaide au Ciel contre l'œuvre sectaire,  
Avocat et ministre, autant que bon Pasteur.*

Por ocasião do seu passamento, quasi todos os periodicos da capital se referiram com palavras de justissimo elogio ao veneravel ancião. D'O *Seculo*, em seu N.º 7:140 (Lisboa, 17 de Novembro de 1901) recorto aqui alguns paraghaphos:

«Com todos os sacramentos e n'uma paz ineffavel — confirmando-se, assim, o conceito *talis vita, finis ita* — exhalou o ultimo suspiro, por volta das quatro horas da madrugada d'hontem, na casa que tanto dignificou, o reverendo Patricio Bernardo Russell, da congregação dos Dominicanos Irlandezes, estabelecida em Lisboa, ao Corpo-Santo.

.....  
«Muito velhinho, nonagenario, pois nasceu em 1811, em Cork, Irlanda, manteve, até ao derradeiro momento, a limpida doçura do seu espirito.

.....  
«Veiu o venerando sacerdote para Portugal em 1829, com 18 annos, portanto. Aqui completou os seus estudos, aqui se ordenou, e aqui se ficou, exercendo sempre o seu ministerio com aquelle espirito de mansidão, conciliação e abnegação, conforme o Evangelho ordena.

.....  
«Por isso, logo em moço adquirira importancia e prestigio, que, com a idade, cresceram e avultaram. Attribue-se-lhe o restabelecimento da paz conjugal em muito lar. O confessorario não era para elle, como para tantos outros, um balcão, era uma ara d'apostolo».

Mas tornêmos ao Collegio. Do incanto que alli representava para os alumnos o tirocinio escolastico, podem alguns antigos

condiscipulos meus dar sincero testemunho, — alguns e não todos, alguns (digo eu saudosamente) pois que muitos dormem já nos cemiterios o derradeiro somno.

D'entre os fallecidos lembram-me neste momento os seguintes:

Thomaz Appleton e seu irmão Carlos (que ambos seguiram a carreira do commercio);

Nicolau Covacich (que seguiu por tradição paterna a carreira industrial);

João Eduardo Gomes Casassa (que foi conductor de obras públicas);

Alvaro Gilmore e João Gilmore (bisnetos d'El-Rei D. João VI, fallecidos na juventude);

Moisés Amzalak (negociante);

David Corazzi (fundador de uma importante imprensa editora — a «Imprensa das Horas Romanticas»);

José Estevam de Sousa Clington (funcionario burocratico);

Henrique Mac-Donald (que exerceu a profissão de photographo);

Antonio Roberto Pereira Guimarães (que foi na Escola Polytechnica de Lisboa naturalista adjunto ao Museu Zoologico);

Henrique Edmundo Howell (que na Companhia «Carris de ferro de Lisboa» desimpennhou por muitos annos o cargo de gerente technico);

O Dr. João Eduardo Lobo de Moura (que foi Juiz de Direito);

O Dr. Jayme Coriolano Henriques Leça da Veiga (que se encarreirou na magistratura administrativa);

e o Conselheiro Augusto Annibal Saraiva de Carvalho (que nos Conselhos da Corôa sobraçou a pasta da Fazenda, a pasta da Justiça e dos Negocios Ecclesiasticos, e por último a pasta das Obras Públicas, Commercio e Industria).

Pertencentes ao número dos que felizmente ainda vivem, occorrem-me agora de prompto á lembrança os Srs.:

Manuel de Macedo Pereira Coutinho e seu irmão Henrique (Conde de Macedo);

Henrique Sauvinet;

Frederico Jorge Howell;

Cypriano Ribeiro Calleya;

Guilherme Dagge;

Antonio Manuel de Santa-Barbara;

José Antonio do Cabo Carvalho;

Antonio Joaquim da Silva Ribeiro;

Conselheiro Augusto Gomes de Araujo;

Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral;  
e Conde de Villa-Real.

Eu proprio tive já occasião de me referir ao inlêvo d'esses tempos preteritos, em versos que me coube a honra de recitar aos 6 de Agosto de 1899 num agape festivo para que fui convidado pelos Padres do Corpo-Santo, e em que tambem tomou parte, com outros cavalheiros distinctissimos, o Sr. D. Eduardo Duarte Silva (Bispo de Goyaz). Os versos, imhora se não recommendem por valia litteraria, apraz-me intercalál-os aqui por significarem uma nota historica, rigorosamente photographica.

Da minha adolescencia os tenros annos  
Nesta casa passei,  
Doutrinado por bons Dominicanos  
Da irlandeza grey.

Ha quasi meio-sec'lo decorrido!...  
E hoje, ao volver atraz,  
Doce lembrança invoco internecido  
Nesta mansão de paz.

Mansão de paz, em que logrei ditoso  
Os verdes annos meus!  
D'esse tempo fugaz e descuidoso....  
Que saudades, meu Deus!

Feliz corria o tempo neste hospicio,  
Sob auras paternaes,  
Co'as prelecções do bom Dr. Patricio  
E d'outros Padres mais.

D'esses me lembra agora mui saudoso  
Um que, ha muito, morreu!  
Jorge Wiseman, — um sabio, um virtuoso :  
Su' alma está no Céu.

\*

Na meiga e captivante convivencia  
De Professores taes,  
Sentiamos florir-nos a existencia  
Nós, os collegiaes.

Intravamos ás nove.... e começava  
Das aulas o lavor,  
Em que risonho a todos amimava  
O bom Padre Reitor.

Era a lingua d'Albion, lida e falada  
Num insino jovial;  
E a Geographia em mappas explicada;  
E a Historia Universal;

E a leitura da Biblia.... intercorrente  
Co' a Doutrina Christan:  
Voavam-nos assim rapidamente  
As horas da manhan.

\*

Ao mei'-dia sentiam-se «Trindades»  
Na Ermida badalar:  
Rezavamos então. Depois os Frades  
Deixavam-nos brincar....

Pular, correr, folgar.... da Livraria  
No amplissimo salão....  
E ás vezes no terraço.... Que alegria!  
Que ardor! que ebullicão!

Outras vezes no claustro seiscentista  
Fingindo evoluções....  
Marchas e contramarchas em revista....  
Briosos batalhões!

E até mesmo faziamos toiradas  
Com «capinhas» e «bois»....  
Armavamos vistosas cavalhadas,  
Trotando a dois e dois!

Essa a hora do lanche.... e do recreio.  
Terminado o folgar,  
Voltavamos, das aulas no torneio,  
Outra vez a estudar.

\*

Eram de tarde as aulas do Desenho,  
Do Francez, do Latim.  
Ah! que saudades d'esse tempo eu tenho!....  
Que saudades sem fim!

Tudo afagos! Castigos não havia:  
A maior punição  
Era quando o Reitor nos não surria  
Ao passar-nos licença!

Se o Reitor não surria com doçura  
Nos gestos e na voz....  
Era signal de alguma travessura  
Practicada por nós.

Ficavamos então mui quietinhos....  
A ver se o bom Reitor  
Nos tratava outra vez com mil carinhos,  
Mil sorrisos de amor.

\*

Nos quartos do Reitor, lembra-me agora  
Que havia em profusão  
Paineis de uma belleza incantadora  
E fina correcção.

Ao mirál-os.... que júbilo infinito!  
Inda os tenho de cór:  
«A fuga da Senhora para o Egypto»  
E outros de igual teor.

E havia em mostradores de vidraça  
Um curioso museu  
De buzios e conchinhas. Ah! que graça  
Lhes encontrava eu!

\*

Por final de exercicios.... á tardinha  
(Singular devoção!)  
Intravamos no côro da Ermidinha  
A fazer oração:

E intoavamos em frente do sacrario,  
 Em frente do altar-mór,  
 A Ladainha á Virgem do Rosario,  
 A Mãe do Redemptor.

\*

Quando alfim despontava com Setembro  
 Das férias o signal,  
 Andavamos em braza (inda me lembro)  
 Para o «exame annual».

Cada qual seus trabalhos preparava  
 Pelo modo melhor;  
 E havia em «premio» livros que nos dava  
 O nosso bom Reitor.

Passava assim dos nossos verdes annos  
 A carreira veloz....  
 Mercê d'aquelles bons Dominicanos  
 Tão affaveis p'ra nós.

\*

Hoje ao sentir-me em festa agasalhado  
 Por vós, meus Padres bons,  
 Agradeço altamente penhorado  
 Vossos fagueiros dons.

E ao Reitor velho, ao bom Dr. Patricio  
 Que os passos me guiou,  
 Beijo-lhe as mãos por tanto beneficio  
 Com que me acarinhou.

Falei de «premios» constituidos por «livros»,—premios com  
 que nas provas annuaes dos nossos estudos recompensava o Col-  
 legio seus alumnos mais applicados:

«E havia em «premio» livros que nos dava  
 O nosso bom Reitor».

Aqui tenho eu, defronte de mim, religiosamente estimado um

dos livros com que á benevolencia do amavel pedagogo aprouve animar-me:

*Scientific Dialogues for the instruction & entertainment of Young People; in which the first principles of Natural and Experimental Philosophy are fully explained & illustrated. By the Rev. J. Joyce. (London—T. C. Savill, Printer—1846—In-8.º com gravuras intercaladas no texto).*

Por lettra do Rev. Russell traz o livro inscripta, na guarda frontispicial, esta dedicatoria:

To  
Xavier da Cunha  
for  
good answering in all his classes  
at the examination of  
September 1853.  
College of Corpo Santo.

Assim diligenciava o nosso Reitor promover nos seus discipulos o interêsse pelos conhecimentos scientificos.

No anno seguinte recebi, com dedicatoria tambem do Padre Russell:

*Oeuvres de Corneille, édition illustrée de 85 vignettes par Pauquet, augmentée d'une vie de Corneille et de notices sur chaque pièce, par Émile de La Bédollière. (Paris—Typographie Plon Frères—S. d.—Gr. in-8.º).*

Assim buscava o dedicado Mestre inocular nos alumnos o gôsto pelas boas-lettras.

Finalmente em 1855 (o anno em que do Collegio me despedi) foi-me dado pelo Rev. Patricio Russell (sempre com dedicatoria autographa) um volume, em cujo frontispicio se lê:

*The Works of Frederick Schiller—Early dramas and romances—The Robbers, Fiesco, Love and Intrigue, Demetrius, The Ghost-Seer, and The Sport of Destiny. Translated from the German, chiefly by Henry G. Bohn. (London—G. Woodfall and Son, Printers—1849—In-8.º).*

Mas, antes de adoptado no Collegio o systema de estimular e galardoar com livros os alumnos, houve um anno (o de 1852) em que se distribuiram duas medalhas de prata, não cunhadas mas expressamente gravadas, — duas unicas medalhas de que

nunca mais se expediu exemplar algum, e que portanto ficaram constituindo especies de maximo aprêço, — duas medalhas que, pendentes de fita vermelha, no lado esquerdo do peito, usavam dois collegiaes distinctos, quando eu naquella casa intrei.

Esses dois premiados eram Thomaz Appleton (já hoje fallecido) e José Antonio do Cabo Carvalho (que ainda felizmente figura no rol dos vivos).

A este dilecto amigo meu fiquei recentemente devendo a offerta da medalha que lhe pertencia (em tudo igual á de Thomaz Appleton), — e perante o muito aprêço que lhe ligo, e perante a circumstancia de constituir especie de raridade suprema, desejei eu por meu turno transferir tal offerta, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, em beneficio do seu Gabinete Numismatico.

Ao meu antigo condiscipulo pedi portanto que me auctorizasse a fazer em seu nome o sobredito indosse, — e por essa acquiescencia, que eu aqui aproveito a occasião de muito lhe agradecer, mandei seu nome incluir no «Quadro de Honra» destinado á inscripção dos que, por seus donativos ou bons serviços prestados á Bibliotheca Nacional, adquirem direito a similhante distincção.

A medalha (conforme se reconhece pela reproducção fac-simile que esta noticia acompanha) não poderia ser mais singella, como singello era o viver do Reverendo Russell, que por sua inventiva delineou da medalha o debuxo.

Do Reverendo Russell vai aqui tambem reproduzido o retrato.

Circular, e com argola para do peito pender por laço de seda escarlate, mede a medalha 0<sup>m</sup>,023 no seu diametro.

Na orla do anverso offerece uma dupla cercadura de tremidos; e ao centro, como inscripção, a palavra MERITO. O reverso é completamente lizo.

Já se vê, portanto, que medalha mais simples não pode haver; mas pela sua raridade (nem sei mesmo se ainda porventura existirá o exemplar que pertenceu a Thomaz Appleton) intendo que merece carinhosamente arrecadar-se no Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Lisboa:  
26 de Julho de 1906.

















This book should be returned to  
the Library on or before the last date  
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred  
by retaining it beyond the specified  
time.

Please return promptly.



1663.24  
medalha escolar do Collegio do Co  
videner Library 004539124



3 2044 081 059 248